ORALIDADE(S) COMO RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DAS INTERTEXTUALIDADES EM *REELS* INFORMATIVOS PRODUZIDOS POR ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Alexandra Bittencourt de Carvalho
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Almenara, Minas Gerais, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3159-2021
Endereço eletrônico: alexandra.carvalho@ifnmg.edu.br

Matheus Silva Freitas
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Almenara, Minas Gerais, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6245-9085
Endereço eletrônico: matheus.freitas@ifnmg.edu.br

Ana Claudia Oliveira Azevedo
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Almenara, Minas Gerais, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8729-6515
Endereço eletrônico: ana.azevedo@ifnmg.edu.br

Palavras-chave: educação antirracista; oralidade; resistência; interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, analisamos *reels*[1] informativos produzidos no Projeto de Ensino Interdisciplinar *Oralidade(s) como resistência: decolonizando linguagens e culturas*, desenvolvido, em 2025, com turmas de 1º ano de cursos técnicos integrados ao ensino médio do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) *Campus* Almenara. O projeto parte dos princípios da Educação das Relações Étnico-Raciais[2], especialmente no ensino das histórias e culturas dos povos indígenas, para o combate ao racismo e ao eurocentrismo enraizados na sociedade, na escola e nas noções de língua(gem) e cultura.

Nesse sentido, ao longo de um período letivo, debatemos, nos componentes curriculares de Sociologia, Estudos Literários e Língua Portuguesa, efeitos econômicos, políticos, linguísticos e culturais da colonização europeia no Brasil a partir do século XVI, em

[1] *Reels* são vídeos verticais curtos que circulam em plataformas digitais como *Instagram* e *TikTok*.
[2] Trata-se de uma política educacional baseada na produção e circulação de conhecimentos, atitudes e valores acerca da diversidade étnico-racial e orientada para o combate ao racismo. Uma das suas principais ações é o ensino das histórias e culturas indígenas, afro-brasileiras e africanas, previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a partir das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

sua natureza eurocêntrica. Essa lógica etnocêntrica (Baniwa, 2019; Lander, 2005), de acordo com Rufino (2019), invisibilizou epistemes, identidades e economias de corpos colonizados (negros e ameríndios), em formas de epistemicídeos, genocídios e linguicídeos, respectivamente (Nascimento, 2019), o que gerou, em resposta, ações de resistência por parte desses grupos. Feitas essas discussões, os/as estudantes produziram *reels* informativos, que foram publicados na página @oralidades.ifnmg no *Instagram*.

O Projeto mobilizou textos de diferentes gêneros e autorias, elaborados tanto pelo viés colonizador quanto, principalmente, pela perspectiva indígena. Essa relação entre os textos que embasaram as atividades pedagógicas coloca a intertextualidade (Koch; Bentes; Cavalcante, 2012; Marcuschi, 2008) como um dos pilares do presente trabalho. Nessa perspectiva, considerando que a comunicação humana sempre ocorre por meio de textos (Marcuschi, 2008), destacamos a importância de debater, no projeto, textos com um viés decolonial, com destaque para as autorias indígenas e as críticas ao eurocentrismo, para fundamentar a produção textual realizada pelos grupos de discentes.

Diante disso, o objetivo do presente trabalho é analisar como o fenômeno de intertextualidade aparece nos *reels* informativos produzidos pelos estudantes. Para tanto, buscamos identificar os textos, informações e referências mobilizados e as abordagens sobre eurocentrismo (se em perspectivas de opressão ou resistência) nessas produções.

METODOLOGIA

Os dezenove *reels* informativos produzidos pelas(os) discentes de 1º ano do Ensino Médio – analisados no presente trabalho – resultaram de aulas expositivas e dialógicas, momentos de leitura e exercícios de produção textual que tiveram como base textos diversos trabalhados ao longo de um período letivo nos componentes curriculares de Sociologia, Estudos Literários e Língua Portuguesa.

Em Sociologia, discutimos as definições conceituais de natureza e cultura, no âmbito da Antropologia, a partir do evolucionismo cultural (Edward Tylor) e do relativismo cultural (Bronislaw Malinowski), em referência ao processo de colonização e às operações contemporâneas das colonialidades, com protagonismo para a experiência indígena. Para isso, exibimos o discurso do ativista indígena Ailton Krenak na Assembleia Nacional Constituinte (1987) e a música "Manifesto o Futuro é Ancestral" e Alok e Célia Xakriabá (2024). Essas

produções expressam mobilizações indígenas sobre cultura, política, cidadania e vida social, sendo, portanto, importantes fontes para análise e reflexão sociológica no contexto escolar.

Na disciplina de Estudos Literários, lemos a Carta de Pero Vaz de Caminha (1500) e contrapusemos a visão eurocêntrica com textos indígenas, como a *Carta dos Povos Indígenas para a Mãe Terra*, compilada pelo projeto *Cartas indígenas ao Brasil*, e alguns *Contos indígenas brasileiros*, de Daniel Munduruku. A finalidade dessas atividades foi comparar as concepções europeia e indígena acerca de aspectos como a relação com a terra e com outros seres vivos, a espiritualidade e a (des)valorização da diversidade, a fim de discutir as consequências da colonização e da visão eurocêntrica. Também debatemos o papel da literatura para reforçar e questionar relações de poder.

Na disciplina de Língua Portuguesa, por sua vez, abordamos a concepção de Colonialidade da Linguagem, partindo dos estudos de Veronelli (2021) e de Nascimento (2019), para compreender a linguagem escrita e a visão homogeneizadora da gramática normativa como formas de epistemicídio e de linguicídio. Assim, problematizamos e ampliamos o conceito de variação linguística e para contemplar o racismo linguístico (Nascimento, 2019). Tais debates tiveram o objetivo de levar os discentes a entenderem a oralidade como uma forma de resistência e de identidade dos povos colonizados.

A partir desse trabalho interdisciplinar e intertextual, as(os) estudantes se dividiram em grupos para produzir *reels* informativos que abordassem questões relacionadas aos conceitos de eurocentrismo, colonialismo e colonialidade. As produções foram roteirizadas, gravadas e editadas pelas(os) próprias(os) discentes, com orientação das professoras e do professor das três disciplinas supracitadas. Esses *reels* constituem o objeto de análise do presente trabalho, em que discutimos a mobilização de textos diversos para a produção audiovisual dos grupos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise dos dezenove *reels* informativos produzidos pelas(os) estudantes e publicados na página do Projeto, observamos que as relações intertextuais ocorrem tanto de forma implícita quanto explícita e se caracterizam, também, pela sua diversidade, inclusive no que diz respeito aos gêneros textuais e às linguagens que compõem as produções. Nesse sentido, identificamos, nos *reels*, referências a obras literárias, discursos políticos, pinturas,

fotografias, textos acadêmicos, entre outros, para abordar uma variedade de temas relacionados ao eurocentrismo, ao colonialismo e à colonialidade nos campos da cultura e da linguagem. Embora a maioria dos *reels* tenha se restringido a apresentar definições conceituais, houve a mobilização de um conjunto diverso de exemplos: interações comunicativas cotidianas marcadas pelo preconceito e pelo racismo linguístico; escolhas curriculares, literárias e pedagógicas na educação escolar; compreensões coloniais das colonialidades sobre os povos indígenas e suas culturas; visões eurocêntricas sobre culturas populares, folclore e futebol, entre outras.

No que diz respeito à intertextualidade nos *reels* informativos, destaca-se, entre os textos mobilizados, a utilização de trechos da carta de Pero Vaz de Caminha, de pinturas e ilustrações (abordando principalmente o período colonial), de mapas e de fotografias para problematizar perspectivas eurocêntricas das narrativas coloniais, principalmente acerca dos povos indígenas. De modo geral, as produções concentraram-se mais na problematização do fenômeno e na demonstração de seus modos de operação, de modo que os textos fundamentam as críticas ao eurocentrismo.

No entanto, observamos que alguns *reels* articularam a exposição das lógicas eurocêntricas de opressão com a valorização das resistências, principalmente por meio da mobilização explícita de referências de autoria indígena. A principal delas (mais recorrente) foi o discurso de Ailton Krenak na Assembleia Constituinte de 1988, em referência à afirmação da presença e resistência dos povos indígenas na contemporaneidade. Além desse texto, verificamos o uso de diversas fotografias de diferentes povos indígenas, bem como de diversas ilustrações – inclusive feitas por IA. Constatamos, ainda, que uma das produções foca na discussão sobre rotacismo feita por Lélia Gonzalez.

A identificação dessas intertextualidades produzidas pelos estudantes nos *reels* demonstra a realização de uma curadoria fundamentada em políticas de referência e conhecimento corporalizado (Ndikung, 2025), atenta tanto aos domínios do eurocentrismo quanto às perspectivas decoloniais e antirracistas. Desse modo, a seleção de referências, textos e informações que foram oralizadas e corporalizadas pelas(os) estudantes nas produções audiovisuais reuniu abordagens que desafiam as prescrições coloniais monoculturais e universalizantes, ao mesmo tempo em que valorizam saberes e grupos sociais historicamente oprimidos, como os povos indígenas.

CONCLUSÕES

A discussão das intertextualidades presentes nos *reels* demonstra as potencialidades de uma prática pedagógica antirracista a partir de produções estudantis que levaram os estudantes a terem contato com autorias e perspectivas indígenas, decoloniais e antirracistas frequentemente ausentes dos currículos escolares. Consideramos, ainda, que algumas discussões poderiam ser mais aprofundadas, visto que povos indígenas são diversos e possuem variações fortes a depender do povo ou etnia. Dessa forma, a intertextualidade assumiria um papel mais central na fundamentação dos *reels*, incluindo a menção da fonte e maior contextualização de alguns textos mobilizados.

REFERÊNCIAS

BANIWA, G. L. Antropologia Colonial no Caminho da Antropologia Indígena. **Revista Novos Olhares Sociais**, [*s. l.*], v. 2, p. 22-40, 2019.

KOCH, I. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

LANDER, E. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. *In*: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 7-24.

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. *In*: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NASCIMENTO, G. **Racismo linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2019.

NDIKUNG, Bonaventure S. B. **Pidginização como método curatorial**: brincando com linguagens e modos de fazer curadoria. São Paulo: GLAC edições, 2025.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

VERONELLI, G. A. **Sobre a colonialidade da linguagem**. Revista X, [*s. l.*], v. 16, n. 1, p. 80-100, 2021.